

CIÊNCIA POLÍTICA

GT 5: TEORIA E PENSAMENTO

Sessão 1: Pensamento Político

A PRESENÇA DA TEORIA CLAUSEWITZIANA NO BRASIL: ANÁLISE SOBRE AS LEITURAS DE CLAUSEWITZ NA ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO BRASILEIRO NO PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA

Carla Cristina Wrbieta Ferezin – UFSCar
carlaferezin@gmail.com
Fomento: FAPESP

Este trabalho tem a finalidade de analisar a leitura de Carl von Clausewitz entre os militares pertencentes a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro. As concepções de Clausewitz, considerado um dos maiores teóricos do período de formação do pensamento militar moderno, nos proporcionaram as primeiras reflexões da guerra como um instrumento da política de Estado. A partir de suas experiências com as guerras da Revolução Francesa e com Napoleão Bonaparte, o general Clausewitz construiu uma intrincada teoria da guerra, na qual ressaltou a centralidade da política ao afirmar que “a guerra é a continuação da política de Estado por outros meios”. Após a sua morte, mais precisamente no ano de 1832, foi publicada sua obra maior, *Da Guerra*, livro que eternizaria as percepções do general prussiano. Deste momento em diante, suas ideias passaram a ser lidas, citadas e ressignificadas em distintas conjunturas históricas. No Brasil, Clausewitz despertou a atenção dos militares, notadamente no período pós-Guerra Fria, quando uma determinada concepção (trindade da guerra) promovia a ressurreição da teoria clausewitziana em diversos países ocidentais. Nesse sentido, buscaremos na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército brasileiro, centro de formação dos oficiais que comandarão a Força Terrestre, uma leitura mais atual acerca da teoria clausewitziana. Neste artigo investigaremos como se deu a assimilação da teoria do general prussiano dentre os alunos da ECEME através da análise de seus documentos curriculares e de seu periódico discente, a *Revista das Ciências Militares – Coleção Meira Mattos*. De forma preliminar podemos assinalar que há contato dos militares da ECEME com a teoria clausewitziana e que a leitura desses militares no pós-Guerra Fria é marcada por defesas e ataques a validade de Clausewitz para um cenário de constante evolução das tecnologias bélicas e de novos tipos de guerra.

Introdução

O general Carl Philipp Gottlieb von Clausewitz (1780-1831) é um dos pensadores estratégicos mais “lidos” nas instituições militares ocidentais. Contudo, a constante citação de Clausewitz demonstrou que muitos de seus leitores distorceram o real significado de sua teoria. As preocupações inerentes ao contexto histórico e as interpretações pessoais de cada leitor parecem ter tido impacto significativo sobre as diferentes (positivas e negativas) imagens que Clausewitz recebeu ao longo do tempo, eis a hipótese central que guia este artigo. As conjunturas de conflitos (Primeira e Segunda Guerras Mundiais e Guerra Fria) disseminaram “a todo vapor” a teoria clausewitziana, o que proporcionou distintas leituras e interpretações acerca da validade

e atualidade da obra maior de Clausewitz, *Da Guerra*. No Brasil, Clausewitz também despertou a atenção de militares e intelectuais dedicados ao estudo da área do pensamento político-estratégico. Nesse quadro, propõe-se investigar a interpretação que os militares pertencentes à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) deram a teoria de Clausewitz, tentando evidenciar como a conjuntura (interna e externa) do pós-Guerra Fria influenciou na leitura de Clausewitz. Após levantamento bibliográfico aponta-se à ausência de estudos destinados a compreender a influência que a teoria clausewitziana teve no Brasil, assim, pretende-se preencher uma lacuna importante na área estratégica e política do país. Para alcançar o objetivo supracitado recorrer-se-á a análise de um periódico pertencente à ECEME: *Revista das Ciências Militares – Coleção Carlos de Meira Mattos* (RCM). Ressalta-se aqui a pouca importância que os periódicos militares têm entre os pesquisadores da área acadêmica, poucos trabalhos procuraram destacar o importante papel que essas revistas têm para a compreensão do discurso militar. Quanto à metodologia, cabe destacar que este artigo é de cunho exploratório e é delineado, basicamente, por pesquisa bibliográfica e documental.

Feita esta introdução, apresentaremos uma concisa história da vida e do progresso intelectual de Clausewitz, na tentativa de evidenciar como a sua experiência militar influenciou decisivamente para a formulação de sua teoria da guerra. Abordaremos ainda distintas adaptações da teoria clausewitziana em conjunturas históricas de guerras. Ao final, abrangearemos as leituras que os militares pertencentes à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro tiveram da teoria clausewitziana.

A trajetória de Clausewitz

Clausewitz foi um soldado profissional a partir dos seus doze anos de idade e enfrentou a sua primeira batalha logo aos treze anos, quando presenciou a ruína do Exército prussiano (1794) frente ao Exército revolucionário de Napoleão. Logo no início de sua carreira, como oficial, serviu diretamente ao reformador do Exército prussiano, o general Gerhard Scharnhorst (1755-1813) e logo depois a outro reformador militar, o general August von Gneisenau (1760-1831). Scharnhorst, sobretudo, teve papel central na evolução intelectual de Clausewitz, iniciando-o na carreira literária. Scharnhorst indicou Clausewitz ao editor do mais importante jornal militar da Alemanha, e em 1805 ele escreveu seu primeiro artigo, no qual refutava as teorias

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

estratégicas do alemão Heinrich Dietrich von Bülow (1757-1807), o mais famoso intérprete das guerras napoleônicas naquele ano.

Em 1819, o general Carl von Clausewitz começou a redigir sua mais importante obra, *Vom Kriege (Da Guerra)*, livro que eternizaria o autor como notável teórico da guerra e estrategista militar¹⁰⁰. Em *Da Guerra*, Clausewitz expôs a incoerência de “princípios eternos da guerra”, visto que a guerra variaria em suas formas, dependendo das transformações naturais da política e da sociedade na qual ela é travada. Em novembro de 1831, Clausewitz faleceu de cólera aos 51 anos de idade. Logo, *Da Guerra* é um livro inacabado, publicado em 1832, por iniciativa da esposa de Clausewitz, Marie von Brühl (1779-1836).

Sem o desígnio de resumir a teoria clausewitziana, pontuamos, em linhas gerais, os principais conceitos contidos em *Da Guerra* e que consagraram Clausewitz como um dos principais pensadores da guerra, política e estratégia¹⁰¹:

- i. “A guerra é a continuação da política de Estado por outros meios”, conceito que expressa o imperativo da subordinação militar à política.
- ii. Dupla natureza da guerra, distinção entre guerra absoluta e guerra real, ressaltando-se o caráter irreal e ideal do primeiro tipo de guerra e, a inserção da política como elemento central para a compreensão das guerras reais¹⁰².
- iii. Relativismo histórico, indicando que cada período tem o seu próprio tipo de guerra e as circunstâncias restritivas adequadas à conjuntura histórica.
- iv. Trindade da guerra, conceito formado por três tendências predominantes, as quais agem como forças no interior de todas as guerras já empreendidas: a violência que funciona como o impulso para a luta contra o inimigo; o jogo do acaso e da probabilidade que permeia os combates e faz da guerra um fenômeno imprevisível e incalculável e, o elemento de subordinação, afinal a guerra é apenas um mero instrumento da política, através do Estado, para alcançar determinados propósitos.

¹⁰⁰ Outras obras de Clausewitz: *Princípios da Guerra* (1812), *A Campanha de 1812 na Rússia* (1824) e *A Campanha de 1815 na França* (1827).

¹⁰¹ É relevante observar que Clausewitz tinha uma metodologia dialética e que os axiomas criados por ele são constantemente “rebatidos” dentro da própria obra *Da Guerra*.

¹⁰² Não se pode dizer, no entanto, que a política não esteja presente na concepção de guerra absoluta de Clausewitz.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

A guerra absoluta de Clausewitz foi o conceito mais utilizado no período das Grandes Guerras Mundiais (Primeira Guerra Mundial – 1914-1918/ Segunda Guerra Mundial – 1939-1945). Contudo, tal concepção, muitas vezes idealizada de forma equivocada, provocou uma propagação negativa do general prussiano no decorrer do tempo. Neste contexto de conflitos, muitos pensadores da História Militar e da Estratégia rejeitaram a importância da teoria de Clausewitz, determinando a imprescindibilidade de se abdicar à leitura das obras deste autor. A criação de novas tecnologias bélicas, sobretudo, o advento das armas nucleares, provocou uma discussão ainda mais forte sobre a validade da teoria clausewitziana. No decorrer da Segunda Guerra Mundial surgiram diversos intelectuais interessados em debater como Clausewitz poderia ajustar-se aos novos tempos, às novas guerras e às novas estratégias, mas ainda era forte a marca do “apóstolo da guerra total”. Entretanto, com o início da Guerra Fria (1945-1989), a imagem de Clausewitz sofreu uma transformação. Diversos leitores passaram a debater suas ideias, principalmente, acerca da validade da trindade da guerra. Vários leitores de Clausewitz empreenderam uma leitura simplificadora acerca deste conceito, o que gerou uma incompreensão do real significado não só da trindade clausewitziana, como da teoria clausewitziana em geral. No período pós-Guerra Fria, a concepção da trindade da guerra de Clausewitz originou uma intensa polêmica a respeito da validade da teoria clausewitziana para os “novos tempos”, de criações de tecnologias bélicas avançadas e de transformações no cenário político mundial.

As ideias de Clausewitz passaram a ser amplamente revisitadas a cada conjuntura histórica de conflitos bélicos, tanto para críticas, quanto para defesas de sua validade e relevância para a História Militar e para a área do pensamento político-estratégico. Após destacarmos as oscilações nas leituras de Clausewitz no decorrer do tempo, abarcaremos, de forma sucinta, com se deu a recepção de Clausewitz no Brasil no período pós-Guerra Fria. No próximo tópico, traremos evidências de que Clausewitz se constituiu em uma leitura constante entre os militares pertencentes à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro.

A teoria clausewitziana na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro no pós-Guerra Fria

O escopo deste artigo é analisar a recepção de Clausewitz no pensamento dos oficiais vinculados a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e,

consequentemente, os quais comandarão a Força Terrestre brasileira. Para isso, pesquisamos o periódico desta instituição, a *Revista das Ciências Militares – Coleção Meira Mattos* (RCM), entre os anos de 2003 a 2009. Analisamos trinta e quatro edições da RCM e localizamos trinta artigos que o mencionaram. No entanto, selecionamos cinco textos com significativa coerência teórica para demonstrarmos como se deu a recepção do autor na instituição supracitada. As leituras de Clausewitz na *Revista das Ciências Militares* foram, em sua maioria, seletivas e superficiais e utilizaram conceitos da teoria clausewitziana para explicar ou justificar os fatos ocorridos em um determinado contexto histórico, a saber, a Segunda Guerra do Golfo, iniciada no ano de 2003.

Logo após os Atentados de 11 de setembro os Estados Unidos da América realizaram alguns eventos militares a fim de eliminar a organização responsável pelos ataques, a *Al Qaeda*, grupo terrorista com operações procedentes do Afeganistão e lideradas pelo refugiado saudita, Osama Bin Laden. Uma das primeiras ações dos Estados Unidos da América – no plano da política interna – foi divulgar uma resolução conjunta da Câmara e do Senado, a qual funcionava como um “aval” ao presidente para agir com a força necessária para combater o terrorismo em qualquer lugar que ele estivesse infiltrado. No plano da política externa, a ideia era buscar o “apoio” da comunidade internacional e do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas para efetivar a guerra contra o terror. No dia sete de outubro, alegando legítima defesa, os norte-americanos atacaram o Afeganistão através de ofensivas aéreas contra localidades militares estratégicas do país, além dos campos de treinamento da *Al Qaeda*. Em dezembro de 2001, os Estados Unidos alcançaram um de seus desígnios no Afeganistão, destituir o regime dos talibãs.

Em 2002, os Estados Unidos procuraram demonstrar como seria a sua “nova visão” sobre a segurança nacional, a partir da construção da sua “nova” Estratégia de Segurança Nacional, a NSS02. A “doutrina Bush” era uma declaração de que ataques preventivos seriam “armas” aceitas para derrotar o terrorismo. Os países que de alguma forma colaborassem com o terror configurar-se-iam em ameaças em potencial, devendo ser neutralizados através de intervenções militares antes que se tornassem inimigos poderosos. A ideia de ataques unilaterais e preventivos para combater o terrorismo presente na NSS 02 foi o discurso vigente para a invasão do Iraque em 2003. O que ficou claro mais uma vez na Guerra do Iraque foi que os Estados Unidos fariam

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

prevalecer a sua vontade a qualquer custo, utilizando-se do seu poderio militar como o mais valioso instrumento de sua política externa.

Em tal contexto, o coronel intendente e chefe do Centro de Estudos Estratégicos da ECEME Marcio Tadeu Bettega Bergo publicou em 2003 um artigo para a atualização dos alunos da Escola “A Guerra do Golfo – reflexões”, no qual procurou delinear as influências da política sobre o campo militar e, assim, apontar os principais ensinamentos desta “nova guerra” para o Exército brasileiro.

Ao se pensar na relação entre guerra e política dificilmente não se abordará Clausewitz, assim ao percorrer os impactos políticos da Guerra no Iraque, o autor imediatamente “convidou” Clausewitz ao debate. A intenção do coronel Bergo foi responder aos seguintes questionamentos: qual o papel da política no campo militar? A política ainda é central em uma guerra?

O tradicional conceito, consagrado por Karl von Clausewitz, de que “guerra é a continuação da política por outros meios”, teria mudado? É ponto básico o princípio de que a guerra é um fenômeno político. Ainda no dizer de Clausewitz, “é a política que cria a guerra; a política é a inteligência orientadora e a guerra apenas o instrumento” (BERGO, 2003, p. 56).

Mas, no conflito posto no Iraque a política ainda manteve sua função de orientadora? A ideia de Clausewitz ainda seria válida?

Da análise das condicionantes políticas deste conflito, poderemos concluir sobre indícios de uma nova concepção geopolítica no mundo contemporâneo. Uma guerra sempre terá origem em pendências não resolvidas por outros meios, e suas consequências sempre serão sentidas no campo político (BERGO, 2003, p. 56).

A política ainda estava presente, no entanto, algo mudou com a eclosão da Guerra do Iraque. Segundo este mesmo autor, o uso da ação militar de forma unilateral deu novos enfoques ao papel dos instrumentos existentes para mediar desavenças, como também alterou a própria definição de guerra, que não mais parecia ser um choque de vontades. A Guerra do Iraque deixou evidente que a atuação da diplomacia para resolver as pendências entre os Estados foi suprimida pela intervenção militar baseada na vontade obscura dos Estados Unidos da América (BERGO, 2003). A Segunda Guerra do Golfo, segundo este autor, inverteu a concepção clausewitziana de submissão militar à política, visto que o elemento militar, por meio de atos unilaterais, prevaleceu sobre o “velho jogo político travado entre Estados” (BERGO, 2003, p. 56). Bergo não deixou clara a sua opinião acerca da atualidade ou obsolescência de Clausewitz, mas

defendeu convictamente a mudança da natureza da guerra e do conceito clausewitziano de submissão militar à política, a partir da Guerra do Iraque.

Ainda na conjuntura da Guerra do Iraque, em um texto voltado para a atualização dos alunos pertencentes à ECEME “Objetivos políticos da Segunda Guerra do Golfo e as estratégias utilizadas – uma análise atualizada” (2003), o tenente-coronel de infantaria e instrutor da Divisão de Doutrina da ECEME, André Luis Novaes Miranda, analisou as estratégias utilizadas pelas tropas norte-americanas e iraquianas para alcançarem seus objetivos políticos na Guerra do Iraque. Segundo o autor, cada país utilizou-se de uma estratégia distinta para conquistar seus fins políticos, os Estados Unidos optou pela estratégia da guerra convencional, a conhecida estratégia direta (MIRANDA, 2003). Na contramão, o Iraque empregou a estratégia pertencente à guerra irregular, a estratégia de resistência, aquela utilizada contra inimigos visivelmente superiores (2003). Para o tenente-coronel Miranda, a Guerra do Iraque estava no campo das improbabilidades, das dúvidas, e aqui o prussiano teria algo a dizer:

De acordo com Clausewitz, todas essas incertezas, no campo da estratégia, não são apenas uma incapacidade de prever fatos, mas – muito mais importante – a consequência da indeterminação de eventos gerados pela oposição inteligente e cheia de recursos (MIRANDA, 2003, p. 96).

É interessante aqui lembrar que Clausewitz afastou-se do pensamento estratégico vigente em seu tempo, que via a guerra a partir de um prisma mecânico, calculável matematicamente. Como disse Aron, “Clausewitz detesta a fascinação que exercem as formas geométricas em estratégia e detesta também qualquer dogmatismo” (ARON, 1986, p. 80). O prussiano atacou fervorosamente as teorias de Heinrich Dietrich von Bülow (1757-1807), o qual defendia a “geometrização” da guerra sem considerar as incertezas. Clausewitz ainda criticou a ânsia de Bülow em transformar a guerra em um fenômeno racional, em uma ciência, o que o levou a produzir análises não realistas do fenômeno da guerra. Ao ver do general Clausewitz, Bülow desconsiderou os efeitos morais e psicológicos que poderiam gerar ações inesperadas do oponente, rejeitando a guerra como um fenômeno humano e social incerto e tratando-a como uma ciência exata.

Mas, para o tenente-coronel de cavalaria do Exército brasileiro e instrutor na Academia Militar de *West Point* (EUA) Fábio Benevutti Castro, a Guerra do Iraque trouxe uma certeza: as forças armadas deveriam se adequar aos novos tipos de conflito – os conflitos assimétricos – e abandonar as concepções da guerra convencional. Esta foi a ideia defendida pelo autor em seu artigo, “Os conflitos assimétricos e a adequação

das forças armadas”, publicado no ano de 2007. Para o autor, os exércitos dos países centrais (principalmente o norte-americano) são preparados para as guerras convencionais e não possuem técnicas militares para o enfrentamento de conflitos assimétricos, fato constatado desde a Guerra do Vietnã. Desde o século XIX, após a Guerra Franco-Prussiana, as grandes potências apresentaram visões únicas quanto ao uso e à estrutura de suas forças militares: a composição das forças armadas para o enfrentamento de combates convencionais, segundo “a racionalidade bélica de Clausewitz que caracteriza o emprego de forças convencionais” (CASTRO, 2007, p. 74). Contudo, o tenente-coronel Castro apontou outra influência teórica no processo de estruturação das forças armadas para atuarem somente em conflitos convencionais, Antoine-Henri Jomini (1779-1869). O pensamento jominiano e o pensamento clausewitziano levaram a uma “natural inadequabilidade das estruturas dos exércitos convencionais para se engajar em uma guerra insurrecional, em um ambiente complexo” (CASTRO, 2007, p. 74).

Para o tenente-coronel Castro, as forças armadas encontram-se sob um dilema: “preparar-se para conflitos assimétricos ou permanecer preparando-se para a remota possibilidade de uma guerra convencional?” (CASTRO, 2007, p. 77). Acreditamos que Clausewitz é também útil para pensar a guerra assimétrica, já que sua teoria foi desenvolvida para possibilitar o entendimento, em ampla proporção, deste fenômeno humano incerto que é a guerra. Assim, a nossa resposta para a indagação do autor é que as forças armadas devem possuir os meios técnicos e teóricos para confrontar-se com o camaleão clausewitziano, devendo adaptar-se as circunstâncias dinâmicas do século XXI, sendo capazes de enfrentar inimigos tradicionais, treinados nos moldes da guerra convencional, como também para encarar o opositor versado nas doutrinas da guerra irregular.

Novamente questionando a legitimidade das concepções de Clausewitz nos conflitos assimétricos temos o artigo do general e doutor em Ciências Militares pela ECEME, Alvaro de Souza Pinheiro, “O Conflito de 4ª Geração e a Evolução da Guerra Irregular”, publicado no ano de 2007. O autor descartou a atualidade do pensamento de Clausewitz na guerra irregular, sobretudo, em dois pontos: o que ele denomina “teoria de atrito” e centro de gravidade. Segundo Pinheiro, as transformações ocorridas no pós-Segunda Guerra – políticas, econômicas, militares, psicossociais e científico-tecnológicas – ocasionou um novo tipo de guerra, a guerra de 4ª Geração.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Diferentemente das guerras anteriores (1ª, 2ª e 3ª Gerações), a guerra de quarta geração inseriu atores não estatais nos confrontos armados¹⁰³.

Para Pinheiro, a vertente psicológica é arma fundamental nas Guerras de 4ª Geração, pois o objetivo primordial deste tipo de conflito é influenciar de maneira direta o procedimento das lideranças responsáveis pelas tomadas de decisão e formulação de suas políticas. O modo de conquistar este desígnio é dado prioritariamente no campo da informação e não da batalha, neste caso, destaca-se o papel que a mídia ganhou nas batalhas do século atual, devido ao poder que as notícias veiculadas sobre os conflitos têm para mobilizar comandos políticos e a população em geral (PINHEIRO, 2007). Nos conflitos anteriores o objetivo era distinto, estava embasado na destruição da força armada do inimigo, “conforme preconizado na “teoria do atrito” de Clausewitz” (PINHEIRO, 2007, p. 19). Para o general brasileiro esta ideia não é válida nas Guerras de 4ª Geração, já que o êxito destas batalhas não é dado nas operações militares desenvolvidas no terreno, o seu sucesso está embasado na destruição do inimigo através de meios tecnológicos midiáticos. É um ataque de vertente psicológica e não de destruição física do inimigo, segundo o autor, este tipo de ação ficou evidente no Afeganistão e no Iraque.

Sendo a Guerra de 4ª Geração uma guerra irregular, ou seja, não convencional, não há como lutar contra ela baseado nos princípios da guerra convencional. A ineficiência das forças armadas do Ocidente em frente aos conflitos irregulares pode ter uma explicação e um culpado:

A maioria dos países do mundo ocidental possui sistemas de educação profissional militar largamente influenciados pelos pensamentos do General Carl von Clausewitz. Nesse contexto, verifica-se um consenso de que não importa se o caráter do conflito armado é predominantemente regular ou irregular. Predomina a ideia de que, numa visão estratégica, a guerra irregular conduzida por forças irregulares de diferentes matizes é governada da mesma maneira que a guerra convencional (PINHEIRO, 2007, p. 27).

O general Pinheiro criticou a utilização de Clausewitz no campo operacional da guerra irregular. Em sua opinião, a concepção mais desatualizada da teoria clausewitziana para a guerra irregular é o “centro de gravidade”. “Definido como o ponto focal de todo o poder e movimento, do qual tudo depende; a destruição da força

¹⁰³ A conceituação da guerra em quatro gerações foi lançada por pensadores militares norte-americanos ao final da década de 1980, que buscavam orientar a dinâmica geral das guerras do futuro.

inimiga é o princípio predominante da guerra... e o centro de gravidade é sempre aonde se deve concentrar a massa decisivamente” (PINHEIRO, 2007, p. 27). O problema, no entanto, é que este conceito não pode ser aplicado devido à “multiplicação” de “centros de gravidade” nos países modernos (PINHEIRO, 2007). Contudo, os combatentes de uma guerra irregular não pensam em centros de gravidade do inimigo? Os ataques às Torres Gêmeas e ao Pentágono não seriam uma forma de atingir o centro de gravidade dos Estados Unidos da América e assim desestabilizar os sistemas que sustentam o seu domínio? Ambos não podem ser pensados, respectivamente, como centro de poder econômico e centro de poder militar do país? Tais indagações poderiam permear a reflexão do general Pinheiro sobre a atualidade ou obsolescência de Clausewitz para as “novas guerras”.

Ignorar as incertezas da guerra foi um dos principais motivos do fracasso da Guerra do Iraque, essa é a visão defendida pelo professor Francisco Carlos Teixeira da Silva no artigo “Para além do aeroporto de Bagdá”, publicado em 2007. A análise deste professor focou-se no plano político da Guerra do Iraque, a partir de duas figuras centrais nas decisões norte-americanas sobre o conflito: o ex-secretário de defesa Donald Rumsfeld e o ex-presidente do Banco Mundial, Paul Wolfowitz. Segundo Silva, ficou claro que Rumsfeld e Wolfowitz queriam um novo tipo de guerra para os Estados Unidos da América, baseada no gigantesco poder militar/tecnológico do país, a fim de alcançar mais facilmente os objetivos políticos propostos por Washington. A moderna guerra deveria prezar pelos seguintes aspectos: ser rápida, utilizar com excelência os meios tecnológicos e ter o número de baixas reduzidas (SILVA, F.C.T., 2007). Ainda para este autor, as tentativas de Rumsfeld e Wolfowitz de empreender um combate célere e eficiente foram frustradas. Os iraquianos evidenciaram que combateriam como pudessem às forças invasoras. Todavia, o problema maior dos Estados Unidos não foi ser surpreendido, mas não ter um “Plano B”, pois acreditavam na eficácia do seu planejamento de operações e na cientificidade de sua guerra (SILVA, F.C.T., 2007). A ideia de Rumsfeld e Wolfowitz era converter a guerra em uma ciência exata, com uma lógica inabalável, no entanto, seria possível desconsiderar o caráter incerto da guerra?

De posse do mais notável equipamento militar da história e dos recursos financeiros abundantes, imaginaram uma guerra pontuada pela exatidão, com a revogação do “Princípio de Atrição”, tão caro a Clausewitz (SILVA, F.C.T., 2007, p. 81).

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Os artigos encontrados no periódico da ECEME seguem duas linhas de pensamento distintas: a primeira declarou a obsolescência de Clausewitz nas “novas guerras”, de caráter irregular, como a do Iraque. O argumento central destes textos é baseado na noção de que a teoria clausewitziana é válida somente para as guerras convencionais, da luta entre Estados, que utilizam métodos convencionais de batalha. Contrariando esta vertente, encontramos autores que defenderam a atualidade de Clausewitz para as guerras do século XXI, que destacaram a importância das incertezas que permeiam as guerras. Afinal, o debate continua: Clausewitz atual ou obsoleto? Para que o debate seja mais profundo e não baseado em entendimentos equivocados da teoria de Clausewitz, recomendamos a leitura meticulosa de *Da Guerra*.

Referências Bibliográficas

Livros:

ARON, Raymond. **Pensar a guerra, Clausewitz: a era europeia**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1986.

BASSFORD, Christopher. Jomini and Clausewitz: their interaction. IN: **23° Meeting of the Consortium on Revolutionary Europe**, Georgia State University, 1993.

BASSFORD, Chistopher. **Clausewitz in English: the reception of Clausewitz in Britain and American, 1815 – 1945**. Oxford University Press, New York, 1994.

BASSFORD, Christopher; VILLACRES, Edward. Reclaiming the Clausewitzian Trinity. **Parameters**, Autumn, 1995.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Martins Fontes. São Paulo, 1979.

CREVELD, Martin. **The transformation of war**. New York: The Free Press, 1991.

HOWARD, Michael. **Clausewitz**. Oxford: Oxford University Press, 1983.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

PARET, Peter. Clausewitz. In: **Construtores da Estratégia Moderna**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

STRACHAN, Hew. **Sobre a guerra de Clausewitz**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Artigos:

BERGO, Marcio Tadeu Bettega. A guerra do Golfo – reflexões. **Revista das Ciências Militares – Coleção Carlos de Meira Mattos**, n.5, p.56-62, 2003.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

CASTRO, Fábio Benvenuti Castro. Os conflitos assimétricos e a adequação das Forças Armadas. **Revista das Ciências Militares – Coleção Carlos de Meira Mattos**, n.14, p.70-78, 2007.

MIRANDA, André Luis Novaes. Os objetivos políticos da Segunda Guerra do Golfo e as estratégias utilizadas – uma análise atualizada. **Revista das Ciências Militares – Coleção Carlos de Meira Mattos**, n.6, p.89-96, 2003.

PINHEIRO, Alvaro de Souza. O conflito de 4º Geração e a evolução da guerra irregular. **Revista das Ciências Militares – Coleção Carlos de Meira Mattos**, n.16, p.16-33, 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Para além do aeroporto de Bagdá. **Revista das Ciências Militares – Coleção Carlos de Meira Mattos**, n.14, p. 79-83, 2007.